

URGENTE!

EM PLENO DIA DOS PROFESSORES, OS DOCENTES DA UFRJ FORAM SURPREENDIDOS COM E-MAIL DA REITORIA SOBRE CORTE DOS 26,05%

Página 2

ESPECIAL DIA DO PROFESSOR

**CONTRA AS IDEIAS DA FORÇA,
A FORÇA DAS IDEIAS!**

FLORESTAN FERNANDES



**15 DE OUTUBRO DE 2020:
PARA CELEBRAR E DEFENDER
A VIDA E A DEMOCRACIA!**

Elas & Eles ensinam, pesquisam, inspiram, formam e transformam. Num tempo sombrio em que educar é o verbo combatido pelo governante de plantão, homenagear a docência é lembrar que professoras e professores desenham o futuro com as tintas da ciência, da arte e da democracia. Neste 15 de outubro, o **Jornal da AdUFRJ** resgata o cotidiano de educadores que, como o centenário sociólogo Florestan Fernandes, fizeram do ofício um acúmulo de predicados inspiradores.

EDITORIAL

E VIVA O 15 DE OUTUBRO!

DIRETORIA

Nós queríamos que este fosse um jornal só de celebração de nossas vidas. Um jornal que nos contasse inteiramente e felizmente. Porque integrar o quadro permanente de uma universidade pública não é um emprego apenas. É uma escolha de vida. A longa formação, os concursos que são verdadeiras maratonas, a sobreposição de diversas tarefas, o permanente processo de avaliação a que somos submetidos, enfim, um cotidiano de grande envolvimento e dedicação, que contrasta com o senso comum de que trabalhamos menos porque damos menos quantidade de horas de aulas do que professores das universidades privadas e do ensino básico. Essa percepção, ainda muito arraigada na sociedade, tem sido vergonhosamente utilizada para esvaziar e diminuir o papel que desempenhamos na sociedade. Desde sempre, a educação foi um problema para o Brasil, com suas universidades muito jovens e que serviam a uma pequena parcela da população. Mas pela primeira vez estamos enfrentando um governo que nos nomeia como se fossemos inimigos, alvos a serem abatidos numa guerra declarada. De fato, a universidade é quase um mundo à parte, com suas regras muito específicas e um modus operandi

bastante diferenciado, no qual convivem rituais bastante tradicionais e novíssimas fronteiras do conhecimento, num complexo funcionamento de estruturas colegiadas. Ela é, de certa forma, opaca para quem a vê de fora e desconhece seus princípios estruturantes. Mas não é isso que incomoda aos poderosos de plantão. É que sua hierarquia e seu sistema de poder não obedecem completamente à lógica mercantil e de imediata utilidade. É preciso haver alguma insubmissão ao mundo tal como ele existe, uma persistente dúvida, um desejo latente de ir além do real, para que a produção do conhecimento se realize. Não existe universidade sem liberdade, não existe pesquisa onde não há dúvida, não existe educação sem transformação.

Esse ambiente foi criado e sustentado por muitas gerações de professores, e há muitas dissensões internas, embates vigorosos e, muitas vezes, devastadores. Mas é dessa diversidade que retiramos nosso vigor e é ela que buscamos celebrar nesse 15 de outubro: nossas múltiplas funções e nossas perspectivas tão diferenciadas sobre o que fazemos e como fazemos. Que sejamos nós vitoriosos nesse nosso dia, sejamos cientistas, artistas, intelectuais, administradores, militantes. Profetizamos nosso amor ao conhecimento, à liberdade e à educação, de todos os modos e de todas as formas.

REITORIA ANUNCIA CORTE NO DIA DO PROFESSOR

No fechamento desta edição fomos surpreendidos pelo envio de uma mensagem da Pró-reitoria de Pessoal (PR-4) com um comunicado de corte do ganho judicial dos 26,05% (Plano Verão de 1989) da folha de pagamento de novembro, a ser paga em dezembro.

"Informamos que o Supremo Tribunal Federal (STF) casou decisão da Justiça do Trabalho que manteve o pagamento do plano econômico no percentual de 26,05%, aos associados da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro", diz o trecho inicial da nota. Essa decisão foi tomada no dia 25 de setembro e a AdUFRJ imediatamente apresentou recurso ao Tribunal Regional Federal e vai adotar todas as medidas jurídicas cabíveis para tentar reverter a medida mais uma vez.

Embora soubéssemos que o corte poderia ocorrer a qualquer momento, a notícia foi recebida com surpresa e grande desconforto pela forma como foi veiculada. Em todas as vezes que a universidade precisou tomar alguma atitude em relação à folha de pagamento ou a qualquer direito dos professores, se dirigiu à AdUFRJ para comunicar a decisão. Na última vez que isso ocorreu, conseguimos

a intervenção da Justiça do Trabalho poucas horas antes do fechamento da folha e mantivemos por mais um ano o pagamento desse percentual. Dessa vez não conseguimos sustar a medida, pois o recurso que impetramos não terá nenhum efeito suspensivo em relação à decisão do STF. Entretanto, reafirmamos que além de ser incomum, o procedimento da reitoria indicou uma total falta de sensibilidade. Qual a urgência de se fazer um comunicado de corte, que só vai ocorrer em dezembro, exatamente no Dia do Professor, em 15 de outubro? Já temos notícias ruins de sobra, já temos um governo que nos ataca permanentemente, só estamos reivindicando mais cuidado e a atenção com a forma com que a reitoria se dirige aos professores e como trata as entidades representativas.

HISTÓRICO

Os 26,05%, recebidos por quase 5 mil docentes — ativos e aposentados — que ingressaram na UFRJ até 2006, são resultantes de uma ação antiga da AdUFRJ. O Plano Verão de 1989 congelou os salários e extinguiu o reajuste baseado na variação da unidade de referência de preços (URP), utilizada à época. A consequência foi a retirada do percentual dos salários. Diversos sindicatos entraram com ações na Justiça para recuperar o valor. Em 1993, a Seção Sindical obteve decisão favorável na Justiça do Trabalho. Por diversas vezes esse percentual, que teve seu valor congelado desde então, esteve para ser retirado, mas os recursos impetrados o mantiveram até hoje na folha de pagamento. Nacionalmente, somos das últimas universidades que ainda mantinham esse pagamento.

AdUFRJ NO RÁDIO ESTREIA SEXTA-FEIRA, 16

Na semana dos Professores, a AdUFRJ tem a alegria de apresentar uma novidade. O programa "AdUFRJ no Rádio" estreia na próxima sexta-feira (16), com transmissão exclusiva pela Rádio UFRJ.

O programa é dividido em dois blocos. O primeiro discute as principais notícias da semana, sobretudo temas ligados

à educação, ciência, cultura e política. O segundo bloco é o "Café com Ciência", que convida um docente da UFRJ para falar sobre a sua rotina de trabalho e atuação científica. A atração vai ao ar todas as sextas-feiras, às 10h, com reprise às 15h, pelo site radio.ufrj.br.

A diretoria da AdUFRJ recebeu com energia o desafio. "Essa

experiência da Rádio UFRJ é um modo de falarmos cada vez mais amplamente para a maior parte da sociedade" observa a presidente Eleonora Ziller. O professor Felipe Rosa, vice-presidente, que vai apresentar o quadro 'Café com Ciência', também celebra o momento. "É fácil estimar a importância de a UFRJ estar no rádio, dado o seu

enorme alcance e penetração, sobretudo em setores da sociedade onde a universidade é praticamente desconhecida", avalia. "Estamos muito orgulhosos de participar dessa iniciativa".

A AdUFRJ participou da chamada pública feita pela Rádio, que teve o resultado divulgado no começo de setembro. "For-

APOIO AOS PROFESSORES DURANTE O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL



■ A pandemia do novo coronavírus, que infelizmente ainda assola o Brasil de forma impiedosa, impôs mudanças radicais em nosso convívio social e práticas de trabalho. A comunidade universitária, claro, não foi poupada: a única maneira segura de continuarmos com algumas de nossas atividades foi através do chamado Ensino Remoto Emergencial. Essa ideia foi recebida de forma bastante desigual na UFRJ, o entusiasmo jovial de alguns contrastando com uma rejeição desgostosa de outros, mas após meses de debate a universidade decidiu iniciar o seu ensino remoto (na graduação) em 24 de agosto.

A implementação do ensino remoto numa universidade do tamanho da UFRJ é uma empreitada causticamente desafiadora, e nós professores estamos sentindo isso: a montagem de cursos inteiros nas plataformas virtuais, as infundáveis horas na frente de variadas telas, o atendimento aos alunos com menos acesso; tudo isso está gerando uma estafa no corpo docente como poucas vezes se viu na universidade. Muito embora não haja muito que possamos fazer contra o vírus, podemos fazer a nossa parte para tentar ajudar nossos e nossas colegas a lidar com o ensino remoto. É nesse espírito que apresentamos nossa iniciativa de auxílio ao docente para o Ensino Remoto Emergencial: o lançamento será na próxima terça-feira (dia 20/10), às 18h30, com uma apresentação da consultora educacional Cristina Mendes sobre ensino remoto. Ela ficará disponível durante algumas semanas (em horários a serem definidos) para sessões de "assistência técnica", e faremos alguns vídeos curtos com as dúvidas mais frequentes. Estamos um pouco atrasados, mas esperamos que esse auxílio seja de alguma valia.

Esperamos você no lançamento!

Felipe Rosa
Vice-presidente da AdUFRJ

ram 41 propostas. A maior chamada pública de que temos notícias em uma rádio universitária", orgulha-se o professor Marcelo Kischinhevsky, diretor do Núcleo de Rádio e TV da UFRJ. Dos programas aprovados, 28 já fizeram sua estreia. O material é distribuído por agregadores de podcasts e plataformas de streaming como Spotify, Deezer e Google Podcasts. (Lucas Abreu)

PROFESSOR&SER ENSINO PESQUISA GESTÃO MILITÂNCIA EXTENSÃO TRADIÇÃO E FUTURO



SER PROFESSOR É INSPIRAR, DESDOBRAR-SE E TRANSFORMAR

> O educador contemporâneo é um multiplicador de tempo e de sonhos. Ele ensina, pesquisa, administra, luta, faz projetos de extensão e liga a tradição com o futuro

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

Ensinar e reinventar o ensino nas salas de aula presenciais e virtuais. Pesquisar com excelência apesar das dificuldades orçamentárias. Compartilhar o conhecimento em projetos de extensão. Contribuir para a formulação de políticas públicas e assumir a gestão da universidade. Estas são algumas tarefas que, ao longo da carreira, em maior ou menor grau, fazem parte do cotidiano do professor universitário. Um profissional que hoje é atacado diuturnamente por um governo que despreza a educação e a ciência. Para enfrentar tantos desafios, os educadores brasileiros reinventam o tempo, e após uma jornada muito superior às 40 horas contratadas, ainda se desdobram no exercício da cidadania, lutam por direitos e por um mundo melhor. "Nós estamos enfrentando uma situação de grande descrédito na ciência. Isso é um problema muito sério para o professor universitário", afirma Celso Ferreira Ramos Filho, da Faculdade de Medicina. As palavras vêm carregadas da sabedoria de quem começou a lecionar há 46 anos.

Celso cita o livro "O Mundo Assombrado pelos Demônios: A Ciência Vista Como Uma Vela No Escuro" do astrofísico americano Carl Sagan (1934-1996) como um exemplo muito atual a ser seguido. A obra apresenta o método científico como forma de combater argumentos místicos ou pseudocientíficos. Algo que o professor observa nos recentes movimentos antivacina ou na defesa do terraplanismo.

PESQUISA

Uma das formas de fazer o bom combate científico é com trabalho duro. O professor Fernando Duda, da Coppe, atendeu à reportagem em pleno feriado de 12 de outubro. Descansando? Não, escrevendo um artigo em colaboração com um colega que mora no Japão. "Na pesquisa, é importante ficar muito ligado no que está acontecendo, mas a gente precisa fazer as coisas acontecerem", recomenda. "Requer muita atenção, colaboração, mas não para você ficar submisso ao que vem de fora", ensina. "A inspiração é importante, mas é muito mais transpiração".

Integrante do programa de Engenharia Mecânica, nota 7 na avaliação da Capes, Duda deixa claro como funciona a dedicação docente: "Temos responsabilidade

com o programa, com a Coppe, com a Poli, com a UFRJ. Mas essa é responsabilidade é natural. Gosto de ensinar e pesquisar".

EXTENSÃO

A professora Angela Santi, da Faculdade de Educação, enxerga na extensão uma forma efetiva de trazer a sociedade para o lado da universidade. Ela coordena o projeto Imagem, Texto e Educação Contemporânea (ITEC), com a colega Aline Monteiro. A iniciativa articula as transformações culturais com o trabalho escolar. "Nesse momento em que a universidade está sendo colocada em questão, isso se torna estratégico".

POLÍTICAS PÚBLICAS

Em alguns casos, não basta levar o conhecimento para fora dos muros da universidade: o professor também pode sacrificar a rotina acadêmica e se doar à formulação de políticas públicas. A professora Esther Dweck, do Instituto de Economia, trabalhou no extinto Ministério do Planejamento e no Senado, entre 2011 e 2016. "A relação entre Academia e a formulação de políticas públicas é superimportante porque o timing de cada coisa é muito diferente", relata. Na universidade, existe um tempo maior para reflexão; no governo, as demandas imediatas praticamente impedem o estudo. "É uma interação de mão dupla. Para a Academia, também é bom ver as demandas práticas do dia a dia. Depois que voltei, mudei bastante minha forma de dar aula, minha agenda de pesquisa", explica Esther. Outro fator que estimulou a empreitada da docente por Brasília foram os exemplos de referências como Maria da Conceição Tavares, ex-deputada federal, e Carlos Lesa, ex-presidente do BNDES, que também "mantiveram um pé na UFRJ e outro na atividade pública".

"É uma interação de mão dupla. Para a Academia, também é bom ver as demandas práticas do dia a dia. Depois que voltei, mudei bastante minha forma de dar aula, minha agenda de pesquisa", explica Esther. Outro fator que estimulou a empreitada da docente por Brasília foram os exemplos de referências como Maria da Conceição Tavares, ex-deputada federal, e Carlos Lesa, ex-presidente do BNDES, que também "mantiveram um pé na UFRJ e outro na atividade pública".

FAMÍLIA E MILITÂNCIA

Antes da pandemia, todo professor levava trabalho para casa: leitura, produção de artigos, correção de provas. Normal. Com a pandemia, quase todo o trabalho se mudou para o ambiente doméstico — experimentos em laboratórios continuaram, principalmente na área da Saúde. José Roberto da Silva, professor do Nupep, é casado e tem dois filhos. O adolescente é portador de necessidade especial. "Em alguns momentos, temos de intermediar a aula dele. No período normal, havia uma mediadora que participava com ele das

atividades. É uma tarefa prazerosa, mas dá trabalho".

Outra tarefa trabalhosa é a militância docente. Há 41 anos, a AdUFRJ organiza a defesa da educação pública e dos direitos dos professores da UFRJ. Sem afastamento dos afazeres acadêmicos, os diretores e militantes do movimento docente dedicam grande parte do seu tempo disponível para o bem do coletivo. "Representamos docentes (todos produtores e transmissores de conhecimento) que votam em diferentes partidos, acatam valores comportamentais variados etc. E mais: dedicam-se a saberes heterogêneos, adotam teorias rivais. É desafiadora a construção de uma pauta comum em meio a tanta diversidade", afirma a professora Maria Lúcia Werneck Vianna, presidente da associação entre 2017 e 2019.

ENSINO E GESTÃO

O desafio da professora Nadir Ferreira Alves e dos colegas do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, aprovado em 2005 no Consuni, não é incomum para muitos na UFRJ: ensinar sem a devida infraestrutura. "Sabe aquele 'esqueleto' ao lado da Faculdade de Letras? A promessa era que em 2012 a gente iria para aquele prédio. Estamos 'temporariamente' na Faculdade de Letras desde então", afirma. "Nosso sonho é ter nosso canto", completa.

A docente ingressou na universidade em 2011 e, desde o início, assumiu a função de coordenação da expansão do curso para a Cidade Universitária. "Hoje, estou como vice do chefe de departamento. Desde que entrei na UFRJ, me vi dividida entre a docência e a gestão". Mas o corpo docente é um só para o Fundão e para a Praia Vermelha. "Damos aula nos dois campi. É bastante cansativo".

Mas todo o esforço é compensado por conquistas que não ganham tanta visibilidade. Na primeira turma da expansão, havia um aluno autista. "Fizemos um trabalho diferenciado com ele. Ele realizava prova oral, pois tinha uma memória gigantesca. Mas tinha muita dificuldade de análise na escrita". A cada renovação de semestre, era feita uma reunião com a mãe. Com um acompanhamento cuidadoso e sem forçar muitas disciplinas por período, o aluno se formou em 2016. "Esse desafio da infraestrutura de maneira nenhuma impediu o corpo docente formar bons profissionais. Tenho muito orgulho disso".



Ensinar a ensinar: o desafio de formar docentes

> Licenciaturas, estágio em sala de aula, formação continuada no Complexo de Professores. A potencial transformação da educação básica brasileira passa pela universidade

KIM QUEIROZ
comunica@adufrrj.org.br

A universidade ensina, pesquisa, faz extensão. Só na graduação, atende a 50 mil estudantes. Cinco mil deles se formam todos os anos nos 176 cursos da UFRJ. Este grande corpo discente é a força motriz para 4.198 docentes. Parte deste contingente tem uma tarefa ainda mais especial: transformar 9,5 mil alunos em novos professores das mais diferentes áreas de atuação. Da Química à Literatura. Da Educação Física à Matemática.

A tarefa de ensinar a ensinar não é simples e envolve diferentes estratégias pedagógicas. Embora o ensino de graduação tenha sofrido uma pausa forçada na pandemia, a formação de professores também acontece por meio do estágio supervisionado no Colégio de Aplicação, atividade que não parou. “Por um lado, o estágio remoto é muito prejudicial, pela perda das relações presenciais na sala de aula. Mas, por outro lado, a gente avaliou ser muito importante para o estudante que está se formando como professor vivenciar uma escola em transformação”, explica Anna Thereza de Menezes, diretora adjunta de licenciatura, pesquisa e extensão do CAP-UFRJ.



COLÉGIO DE APLICAÇÃO forma novos professores há 68 anos

No ambiente escolar, os futuros professores podem participar da elaboração de materiais pedagógicos, dos encontros síncronos com as turmas da educação básica e, em alguns casos, até mesmo dos processos de avaliação. Anualmente, o CAP costuma receber em média 500 licenciandos. Um número que caiu neste ano letivo especial. “Durante esse momento de pandemia, 401 estudantes se cadastraram para o estágio no CAP. Mas nós reforçamos aos que ainda não fizeram estágio, e que não vão se formar nesse momento, que priorizem fazer o estágio presencial”, pontua

Anna. “O estudante que quer estagiar com a alfabetização, por exemplo, é melhor aguardar para poder vivenciar isso no espaço da sala de aula”, aconselha. O colégio não está sozinho na tarefa. Oficializado na Estrutura Média da UFRJ no final de 2018, o Complexo de Formação de Professores (CFP) é uma política institucional que organiza a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica. “O CFP foi um primeiro passo no sentido de se haver uma ‘casa comum’ para olhar a formação de professores de uma forma mais cuidadosa”, explica Anna.

O Complexo reúne não só os docentes da UFRJ, mas também professores das redes municipal e estadual na tarefa de pensar e desenvolver estratégias de formação continuada. “O Complexo não tem um projeto pronto único. É quase um trabalho artesanal, em que a gente vai às escolas e ouve os professores e o diretor para saber o que cada uma das nossas 48 parceiras precisa”, descreve a ex-diretora da Faculdade de Educação da UFRJ, Carmen Teresa Gabriel. Atual coordenadora do Comitê Permanente do Complexo, a professora ressalta o objetivo da iniciativa de valorizar o docente da educação básica, para a formação de profissionais com qualidade e pensamento crítico.

A responsabilidade da universidade, portanto, não se restringe ao ensino superior. “A UFRJ forma professores. O potencial de transformar a educação básica é imenso”, defende o presidente da Academia Brasileira de Ciências, Luiz Davidovich. “É fundamental que os novos docentes sejam ensinados a conduzir seus alunos para uma educação emancipadora, que os leve a perguntar. Essa responsabilidade é nossa, enquanto universidade”.

DIFICULDADES

Mesmo dentro da universidade, a formação de professores ainda sofre com a falta de prestígio.

“Em muitos cursos, o estágio é feito apenas na conclusão da graduação, quando muitas vezes essa orientação prática precisaria de um desenvolvimento maior”, exemplifica Anna.

Foi o que aconteceu com ela. Formada na Escola de Belas Artes da UFRJ, Anna estagiou no CAP, onde hoje é professora. “Na minha formação, só fui ter contato com essa concretização de que seria professora quando cheguei ao CAP”, conta.

A docente destaca também a falta de políticas de assistência estudantil para os estagiários de licenciaturas. “Não conseguimos até hoje ter uma linha de ônibus que ligue o CAP-UFRJ da Lagoa ao Fundão ou à Praia Vermelha. O metrô também não chega tão perto. O bairro é extremamente caro”, reclama. “Nós não temos um bandeirão. Se o licenciando não levar a própria quentinha, precisará pagar caro por alguma refeição nas redondezas”, critica.

A formação dos novos professores esbarra também num outro desafio a ser superado: a desigualdade social. O estágio no CAP não é remunerado, algo que afeta principalmente aos alunos em maior vulnerabilidade econômica e social. “A gente sabe que os cursos de licenciatura congregam muitos estudantes de baixa renda. E nem todos conseguem a bolsa de permanência”.

ENTREVISTA | CARMEN TERESA GABRIEL, COORDENADORA DO COMPLEXO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

“LICENCIATURAS NÃO SÃO BACHARELADOS DE SEGUNDA ORDEM”

KIM QUEIROZ
comunica@adufrrj.org.br

Coordenadora do Complexo de Formação de Professores e ex-diretora da Faculdade de Educação da UFRJ, a professora Carmen Teresa Gabriel explica os princípios que norteiam a iniciativa de formar docentes de maneira continuada pela universidade. A tarefa exige um constante movimento de atualização. “A universidade precisa, principalmente, mudar a sua cultura profissional, no sentido de acolher a importância dessa sua função como formadora”, aponta a docente.



JORNAL DA ADUFRJ: Qual a importância do Complexo de Formação de Professores? Carmen Gabriel: O Comple-

xo traduz o reconhecimento da UFRJ do seu papel como formadora de profissionais da educação básica. Ele mexe com

a cultura universitária para que a universidade pública assuma a sua responsabilidade nesse processo, de maneira que a formação de professores seja algo tão importante quanto a de médicos. O Complexo também articula um espaço comum onde todos os sujeitos envolvidos interagem de forma horizontal, plural e integrada. Universidade e Escola pensam e concebem juntas as políticas de formação de professores.

Quais os principais desafios da UFRJ na formação de novos docentes?

A universidade precisa, principalmente, mudar a sua cultura profissional, no sentido de acolher a importância dessa sua função como formadora. Durante muito tempo, as licenciaturas

foram consideradas como um bacharelado de segunda ordem, o que se traduz nos próprios currículos e em toda uma discussão de teoria e prática. Outro desafio é construir formas de superar as fragmentações nas diferentes experiências de formação. O Complexo pressupõe que os problemas não estejam nos níveis do indivíduo, e sim da instituição. O que a gente quer é criar uma operacionalização dessas questões, que há muito tempo já vêm sendo discutidas.

Quais são os princípios do Complexo de Formação de Professores?

O Complexo é norteado por três princípios. Um é o da horizontalidade, que existe entre todos os saberes, sujeitos e territórios. A gente dá tanta importância às

ações da cultura universitária, que envolvem pesquisa, extensão e ensino, quanto aos saberes produzidos nas escolas. O segundo é o da pluralidade, pois desafio é construir formas de superar as fragmentações nas diferentes experiências de formação. O Complexo pressupõe que os problemas não estejam nos níveis do indivíduo, e sim da instituição. O que a gente quer é criar uma operacionalização dessas questões, que há muito tempo já vêm sendo discutidas.

Lema de pesquisador: “Aqui se ensina porque se pesquisa”

> A frase do mestre Carlos Chagas Filho resume a vida dos pesquisadores brasileiros que produzem e compartilham conhecimento num cenário desolador de desrespeito político e orçamentário

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

“S er pesquisador no Brasil é mais ou menos como ser artista de circo. É preciso

fazer várias coisas diferentes, e todas com qualidade. É preciso fazer pesquisa de qualidade, dar aulas de qualidade, fazer difusão científica de qualidade e lutar para aumentar recursos para a pesquisa”, compara o professor Luiz Davidovich, presidente da Academia Brasileira de Ciências.

Davidovich é docente do Instituto de Física. A maior federal do país é a quarta instituição brasileira em produção científica e responde por 6,5% da ciência nacional. Os números são de 2019. O levantamento feito pela USP traduz a atuação da UFRJ entre 2014 e 2018. “Aqui se ensina porque se pesquisa”, resume o professor. “A frase de Carlos Chagas Filho sintetiza nossa missão. O ensino tem que estar sintonizado com o que acontece na pesquisa mundial”, defende o docente.

Se a ciência avança de maneira tão rápida, o ensino precisa mudar, analisa. “Na graduação há uma compartimentalização do ensino. Em outras partes do mundo isso não acontece mais. Temos exemplos fantásticos, como Harvard. Aqui, temos a Universidade Federal do ABC. Um dos centros deles se chama Centro de Ciências Naturais e Humanidades, olha que maravilhoso?! As trocas que possibilita são imensas. A UFRJ precisa olhar para frente nesse sentido e tem gente capacitada para isso”, afirma. “A ideia é trabalhar percursos, não os cursos”.

Aos 12 anos, Luiz Davidovich viu um anúncio no jornal para um curso de rádio por correspondência. “Eu recebi o material pelos Correios, tinha muitas analogias entre eletricidade e rede hidráulica, o que me levou a buscar outros materiais sobre os assuntos. Eu montava circuitos, era um curso mão na massa mesmo”, relembra. Justamente por ter começado a se aventurar por experimentos desde tão jovem, ele acredita que ciência deve ser aprendida na escola. “Crianças têm curiosidade natural e precisam ser incentivadas. Muitas vezes, a pergunta certa é mais importante do que a resposta”, defende o professor, que não acredita na teoria vo-



cacional. “A história da vocação aqui no Brasil acaba fazendo muito poucos se direcionarem para essa área. Desperdiçamos cérebros que estão nas favelas, nas periferias. Há uma ligação direta com nossa desigualdade social, em que o encaminhamento para a pesquisa ainda está relacionado à estrutura familiar da pessoa”.

CORTES E BUROCRACIAS

De acordo com o professor Pedro Lagerblad, do Instituto de Bioquímica Médica, a burocracia excessiva e a queda nos investimentos geram consequências graves. “Ineficiência, desmonte, superdimensionamento da burocracia, tudo isso tem



“Ser pesquisador no Brasil é mais ou menos como ser artista de circo. É preciso fazer várias coisas diferentes, e todas com qualidade”.

LUIZ DAVIDOVICH
Presidente da Academia Brasileira de Ciências

um custo. É como o custo das doenças. Muitos gestores só visualizam o custo da prevenção, mas não enxergam a economia da prevenção. O não funcionamento para a pesquisa ainda está relacionado à estrutura familiar da pessoa”.

Para o docente, que é Pesquisador IA do CNPq e diretor da AdUFRJ, a burocracia brasileira está sendo usada contra a universidade. “A lei deve servir para garantir a nossa função social. Nossa burocracia é gigantesca. Os órgãos de controle hoje veem todo pesquisador como culpado a priori. São questionários intermináveis, repetitivos”, reclama.

Além de sobrecarregar, as questões administrativas tiram o tempo para a pesquisa. “Eu gasto mais tempo buscando recursos e justificando financiamentos do que trabalhando no meu objeto de pesquisa”, compara. “Quando um pesquisador é colocado numa função burocrática para economizar dinheiro, o efeito é oposto. Esse pesquisador está deixando de gerar conhecimento e recursos”, observa. “Ciência e tecnologia se pagam muitas vezes quando há investimento”.

Alguns exemplos são impressionantes. A transmissão da doença de Chagas pelo vetor barbeiro foi controlada no Brasil na década de 90. Uma análise feita para avaliar os impactos do custo-benefício do programa no Brasil indica que para cada US\$ 1 utilizado nas medidas de combate, eram economizados US\$ 17. “Só foi possível porque cientistas brasileiros descobriram que o vetor era sensível ao princípio ativo de inseticidas comuns”. Outro exemplo aconteceu em Jaboticabal, São Paulo. Pesquisa para controlar pragas nos laranjais evitou perdas, en-



“Nossa carreira, apesar de tantas perdas, ainda é o resultado de muitas lutas e são lutas de uma vida, um trabalho permanente e muito sub-remunerado”.

SUZY DOS SANTOS
Diretora da ECO-UFRJ

pesquisa, ensino e extensão, tem que dar conta de manter o funcionamento mínimo. E num momento de falta de recursos, esta não é uma tarefa simples”, descreve.

A sobrecarga é inevitável. “Não há tempo para tudo isso. Há claramente uma sobrecarga mental, um peso excessivo”, analisa. A maternidade é mais um desafio que se soma a todos os outros. “Sou mulher, mãe de duas crianças e fiquei viúva recentemente. Moro no Rio de Janeiro, onde não tenho parentes, então crio os dois sozinho. Existe toda uma responsabilidade na criação da criança que é da mãe. A sociedade como um todo tem esse olhar distinto e isso acaba virando mais uma militância”, diz.

Os filhos transformaram a atuação da professora e gestora. “Assim que assumi a direção da ECO comprei com recursos próprios trocadores e almofadas de amamentação que ficam localizados nas estruturas da Escola, mas disponíveis para todo o campus da Praia Vermelha. A maternidade humanizou mais o meu trabalho”, reconhece.

Os desafios do presente, para a professora, estão associados a lutar pela manutenção da universidade. “A gente não está em tempos de incerteza só pela pandemia. Mas porque a universidade está sob ataque. Infelizmente, neste dia dos professores, não temos o que comemorar. Há muito para se lutar. É uma necessidade de defesa do espaço, da universidade”.

PEDRO LAGERBLAD
Pesquisador IA do CNPq e diretor da AdUFRJ

ENTREVISTA | DENISE PIRES DE CARVALHO – REITORA DA UFRJ

“A GESTÃO UNIVERSITÁRIA É MUITO COMPLEXA. ESTOU APRENDENDO A CADA DIA”

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

Primeira reitora da história da UFRJ, Denise Pires de Carvalho não hesita em responder sobre o que mais gosta de fazer na universidade: ensinar. A vocação para o magistério surgiu enquanto cursava Medicina. E não a abandonou, durante a gestão da maior federal do país. A dirigente sente saudades de quando tinha mais tempo para se dedicar às salas de aula. Confira na entrevista a seguir:

■ **JORNAL DA ADUFRJ – Quando e como a senhora decidiu que queria ser professora?**

● **DENISE PIRES** – Isso foi construído ao logo do curso de Medicina, que é muito denso. Tudo começou ali no segundo ano do curso, quando comecei a dar aula como monitora e a fazer pesquisa como aluna de iniciação científica. No quinto ano, decidi não fazer prova para a residência. Já fiz a prova para o mestrado. Porque eu já queria ser docente em dedicação exclusiva.

■ **O que é mais difícil: ser professora**

ou ser gestora?

● Entrei como docente em 1990. Durante toda a minha vida docente, participei de atividades administrativas. Ser gestora eu acho ótimo. Acho que complementa a nossa atividade. Eu gosto mais de ser professora. Foi para isso que fiz concurso. Mas eu me sinto mais completa atuando na gestão. Gosto de trabalhar pelo coletivo. Agora, ser reitora é uma gestão muito complexa. Estou aprendendo muito a cada dia.

■ **A senhora mantém a atividade de aula, mesmo na reitoria. Está sendo**



JOÃO LAET/ ARQUIVO ADUFRJ



Gosto de trabalhar pelo coletivo. Agora, ser reitora é uma gestão muito complexa. Estou aprendendo muito a cada dia

■ **possível conciliar as duas funções?**

● Estou com muita saudade da sala de aula. Neste ano, com a pandemia, eu ministrei uma disciplina na pós-graduação no mês de julho e dei duas aulas para a turma da Medicina do terceiro período. Estou participando, mas muito pouco. Só para eu não me distanciar completamente dos estudantes.

■ **Após sair da reitoria, a senhora pretende seguir dando aula?**

● Com certeza. Permanecerei fazendo isso. O Brasil precisa muito da formação de pessoal, de diferentes profissionais. E o que mais me orgulha na profissão é isso. Poder contribuir com a formação de recursos humanos para o Brasil na área de Saúde, que é onde atuo. Essa é a atividade da qual mais gosto.

■ **O que mudou na universidade desde que a senhora entrou na Faculdade de Medicina nos anos 80?**

● Quando ingressei na universidade,

havia um número menor de vagas na Medicina e os estudantes eram majoritariamente provenientes de escolas da rede privada. A partir de 2006, houve a implantação de políticas públicas visionárias que foram fundamentais para democratizar o ingresso no ensino superior, não apenas aumentando o número de vagas, mas principalmente permitindo o acesso de estudantes de escolas públicas e a reparação social relacionada ao acesso de etnias que antes eram excluídas do ensino superior público. Esses avanços são decorrentes do Programa de Reestruturação das Universidades Públicas e da lei das cotas, que infelizmente enfrentaram muita oposição na própria UFRJ.

■ **Na opinião da senhora, qual a principal qualidade de um professor?**

● Na minha opinião, a principal qualidade do professor é a capacidade de lidar com o conhecimento com humildade, sem a soberba de que tudo conhece e de que tem a solução para todos os problemas. O professor deve inspirar seus estudantes e lidar com o contraditório com naturalidade, a ponto de permitir que o ambiente da sala de aula seja o mais democrático possível, o lugar do diálogo aberto e franco, que constrói o cidadão crítico e insubmisso. É aquele que defende o livre pensar, que não direciona o aprendizado e permite a redescoberta.

Artigo

ROBERTO LEHER

Ex-reitor da UFRJ (2015-2019),
ex-presidente da AdUFRJ (1997-1999),
Professor titular da Faculdade de Educação

UMA PROFISSÃO QUE TECE A DEMOCRACIA

Em 2020, celebramos a responsabilidade dos educadores diante de uma sociedade em que a desigualdade social é infame, a universidade é lançada no teatro de operações da ‘guerra cultural’ da extrema direita e a democracia está por um fio. Parabenizar a profissão com palavras melosas não seria ético. O reconhecimento dos extraordinários logros dos docentes exige, categoricamente, uma perspectiva política.

Nossa categoria tem realizado corajoso esclarecimento crítico sobre aspectos epidemiológicos, tecnológicos, clínicos e sociais da pandemia. Em ambientes virtuais, assumiu o compromisso de renuclear as/os estudantes para promover o acolhimento “ninguém solta a mão de ninguém” e dialogar sobre o que se passa no Brasil

e no mundo. A universidade tornou-se um lugar das melhores esperanças no porvir.

Todas as atividades descritas exigiram confrontos com o negacionismo, o irracionalismo, o autoritarismo e a lógica mortal do “darwinismo social”, em um contexto de celebração do AI-5, de ameaças de fechamento do Congresso e do STF, de mapeamento de professores antifascistas, de desqualificação da universidade, de nomeação de reitoras/es sem legitimidade, e de sufocamento orçamentário politicamente orientado das universidades, do aparato de C&T e do PNAES, promovendo *apartheid* no acesso aos ambientes virtuais.

Pensar politicamente o 15/10 tem consequências. A democracia admitida, de baixa intensidade, não comporta uma cultura cívica em prol de uma nação em que caibam todos os rostos humanos. Os que defendem que a educação pública deve formar cidadãos insubmissos, como exortou Condorcet, e praticam a

liberdade de cátedra, são “os outros” a serem combatidos pela estética e prática do medo na autocracia vigente.

A cidadania política abrange a defesa dos direitos sociais e coerência com posturas de real solidariedade. A contrarreforma da previdência de 2003 extirpou os direitos dos novos docentes que perderam a aposentadoria integral; as mudanças na carreira em 2012 se deram às custas dos nossos colegas aposentados que, na prática, foram rebaixados na hierarquia da carreira. Após o golpe, nova “reforma” da previdência piorou as condições da aposentadoria e grande parte da Constituição está “em suspenso” com a EC 95/16. A reforma administrativa mira a estabilidade, a redução salarial, a titulação, a DE e o concurso público. Não é possível separar o cidadão do cientista e do professor: o docente terá que ter, em si, a força de sua condição cidadã.

A defesa da universidade envolve a combinação de atuação institucional com audaciosa atuação sindical. Indiferenciar

a institucionalidade e a auto-organização dos docentes em seu Sindicato Nacional é um erro. A simbiose enfraquece as administrações que passam a ficar identificadas com correntes oficialistas, gerando divisões, e retira a seiva democrática do sindicato. A convicção da maioria do aparato sindical oficialista diante da contrarreforma da previdência em 2003 e do solapamento da luta pela garantia da paridade entre ativos e aposentados na nova carreira docente atesta o quão deletério pode ser o oficialismo.

A grave conjuntura exige fortalecer a autonomia do Andes-SN como condição para tecer coalizões ativas capazes de combater de modo sábio as ameaças da autocracia em curso e criar inventivas metodologias para enfrentar a maior ameaça que as nossas gerações já conheceram. E que desafios seriam mais estimulantes do que esses para celebrarmos uma categoria construtora da democracia?

Artigo

ALEXANDRE PINTO CARDOSO

Ex-reitor da UFRJ (1989-1990)
Ex-vice-reitor da UFRJ (1986-1989)
Ex-diretor-geral do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (2006-2009)

O BOM GESTOR DEBATE IDEIAS E EVITA A FRAGMENTAÇÃO

A gestão acadêmica de qualquer instituição de ensino superior inclui processos que envolvem toda a comunidade (coordenadores, docentes, funcionários técnico-administrativos e discentes): planejamento, atividades curriculares e administrativas, atenção aos alunos, organização dos professores, avaliação da instituição, regulamentos e normas, entre outros. É de responsabilidade da alta gestão ou do governo oferecer aos seus alunos uma instituição com recursos suficientes para promover um ensino de qualidade, que acompanhe as mudanças e tendências da educação em todos os níveis.

Ao longo da carreira de professor, tive duas experiências de gestão macro, em condições muito distintas: a primeira como reitor, entre 1989 e 1990, no alvorecer da Nova República, onde a ebulição das conquistas democráticas refletia intensamente no ambiente acadêmico de muitas

maneiras. Uma delas na possibilidade de escolha dos seus dirigentes após consulta à comunidade.

O modelo de Universidade que gostaríamos de ter entrou vivamente em pauta. A assunção ao cargo máximo da nossa Instituição se deu em substituição ao Professor Horácio Macedo em momento de grandes debates de ideias e o grande desafio (meu desafio) foi evitar a fragmentação que, a nosso ver, poderia ter levado a UFRJ ao cadafalso, tendo em vista as paixões envolvidas na defesa de cada uma das teses naquela ocasião.

Entregamos a Universidade incólume ao nosso sucessor. E mencionamos esta experiência para destacar um atributo absolutamente necessário àqueles professores que são levados à posição de gestor: gerenciar conflitos.

A experiência acima mencionada, que merece profunda análise e reflexão para todos nós da UFRJ e de outras Instituições federais de ensino superior (IFES) repercute ainda hoje, mas não será tratada neste artigo. A experiência na reitoria foi importante para assumir a gestão do Hospital Universitário em 2006.

Circulam pelo hospital estudantes de

vários cursos, que requerem instalações adequadas, professores exigentes, funcionários técnicos-administrativos e a razão de ser de qualquer Hospital: as pessoas doentes.

Cada um com sua visão e expectativa particulares desta Unidade. É uma organização complexa - atravessada por múltiplos interesses - que ocupa lugar crítico na prestação de serviços de saúde, lugar de construção de identidades profissionais, com grande reconhecimento social.

É também um equipamento de saúde em processo de redefinição, pois, no âmbito público e no privado, estão em debate seu papel e seu lugar na produção do cuidado, em busca de qualidade, integralidade, eficiência e controle de custos.

Estão em debate, então, as expectativas de gestores e usuários em relação ao hospital.

Um Hospital funciona todos os dias do ano e seus dirigentes não descansam quando vão para casa ou estão de férias. As unidades acadêmicas que utilizam as instalações como campo de prática, muitas vezes, não são solidárias completamente na missão assistencial, mas altamente demandantes às suas necessidades.

As reivindicações corporativas chegam à mesa do diretor para serem implementadas, por vezes, com sérias repercussões nas atividades assistenciais que acabam por repercutir no ensino e pesquisa. Como exemplo, a assunção pela Universidade das 30 horas semanais de trabalho, que reduziu horas trabalhadas per capita, esvaziando postos de trabalho sem a reposição necessária.

O hospital é um ser vivo com movimentos ora de crescimentos em certas áreas, retração em outras. O dirigente não dispõe de agilidade para este atendimento, mas é cobrado pela ausência de resultados.

Os recursos de capital e investimento oriundos do MEC são escassos e intermitentes. Temos que permanentemente recorrer a editais para incorporação tecnológica para superar o grande hiato a que estamos submetidos com orçamentos restritivos, cada vez mais restritivos. Cito como exemplo não termos ainda a possibilidade de ofertarmos aos nossos alunos de pós-graduação lato sensu o treinamento em cirurgia robótica.

Os recursos de custeio são oriundos da prestação de serviços ao SUS em um modelo diferenciado, mas longe de atender às necessidades para o melhor cuidado dos pacientes. Os entraves burocráticos conspiram contra uma gestão rápida e eficaz. Uma assistência jurídica distante adiciona tempo na tomada de decisão.

Neste oceano de dificuldades, além de conhecimento específico do que se propõe a administrar, da habilidade de gestão de conflitos, deve o gestor entender que o Hospital de Ensino é o espaço da cooperação entre os vários atores e que é absolutamente necessário transitar bem pelos vários segmentos que integram seu corpo social para obter adesão da maioria aos projetos institucionais e ter ousadia e amor suficientes para assumir o desafio.

Este foi meu maior desafio.

NAS AULAS E NAS RUAS

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrj.org.br

Conciliar as múltiplas atividades acadêmicas com o engajamento na vida sindical não é tarefa fácil, ainda mais em tempos de cortes orçamentários, ameaças à autonomia universitária e ataques às liberdades de cátedra e de

expressão. Para dar a dimensão da complexidade dessa equação, o **Jornal da AdUFRJ** fez a pergunta abaixo a quatro ex-presidentes da entidade, professoras que foram à luta em defesa da democracia, da ciência, da dignidade profissional e da educação pública de qualidade.

EX-PRESIDENTES DA ADUFRJ RESPONDEM:

Além das aulas, das pesquisas e dos projetos de extensão, há professores incansáveis que acumulam todas essas tarefas com a militância política. Como ex-presidente da AdUFRJ, como você avalia o ativismo docente hoje e quais os desafios do sindicalismo docente?



MARIA LÚCIA WERNECK VIANNA

PRESIDENTE DA AdUFRJ 2017-2019



Segundo Aurélio, o dicionário – que os jovens certamente imaginam ser um velho aposentado –, militância é ação de “membro ativo, participante, apóstolo”. Aquele que atua em alguma organização: partido, sindicato, seita... Tempo houve em que o termo se associava a posições situadas à esquerda do espectro político. Hoje, a realidade refuta, com veemência, tal visão. Concisa por suposto,

a definição em verbete não expressa a complexidade da prática da militância. E essa é uma questão importante para nós na AdUFRJ. Trata-se da distinção entre militância partidária e militância sindical.

Não é raro que o pertencimento a um partido estimule a participação em associações, sejam elas corporativas – como sindicatos e agremiações profissionais –, ou não (como associações de moradores). Também não é difícil de entender o porquê. As dificuldades come-

çam quando se dá vida a essa dupla atuação. Se meu partido lança um candidato a prefeito, não posso fazer campanha para outro. Mas no sindicato vou defender propostas que atraíam eleitores de diversos prefeitáveis.

Claro que há bandeiras partidárias cuja convergência com lutas sindicais é incontestável. O exemplo acima, naif, vale apenas para enfatizar a singularidade, mencionada, que nos fustiga na AdUFRJ e com a qual não temos um convívio confortável.

Representamos docentes (todos produtores e transmissores de conhecimento) que votam em diferentes partidos, acatam valores comportamentais variados etc. E mais: dedicam-se a saberes heterogêneos, adotam teorias rivais.

É desafiadora a construção de uma pauta comum em meio a tanta diversidade. Sua consistência depende da amplitude do acordo para a defesa da universidade pública de qualidade e seu reconhecimento implica intensos debates. Tarefa já por si

de bom tamanho, e ainda assim insuficiente. Pois a universidade produz ciência e a ciência serve à sociedade. Desde rigorosas informações sobre a pandemia a contribuições para o entendimento de um mundo virado de cabeça para baixo, a universidade entrega benefícios para a polis e seus cidadãos. E um relevante papel que a AdUFRJ tem cumprido é justamente o de potencializar a divulgação desses resultados e denunciar as tentativas de ocultá-los sob as trevas que assolam o país.

TATIANA ROQUE

PRESIDENTE DA AdUFRJ 2015-2017

O grande desafio do movimento docente hoje é pensar estratégias eficazes para combater o projeto autoritário do governo, que tem nos ataques à universidade e à ciência uma de suas principais agendas. É preciso lutar contra isso de modo articulado a outras áreas e utilizando métodos inovadores de mobilização. Está em curso um projeto de estrangulamento, implementado pela lógica do teto de gastos, que coloca alguns setores para concorrer com outros igualmente importantes.

Mas não podemos defender o ensino superior e a pesquisa, deixando de lado a saúde, a educação básica e a proteção aos mais pobres (que deve ser ampliada por uma renda básica). É o espírito da Constituição de 1988 que precisa ser defendido. Para isso, é fundamental reunir forças para desmontar a armadilha do teto de gastos: ampliando o consenso sobre a

importância do investimento público, unindo ações de pressão no Congresso Nacional a diferentes modos de ativismo que vêm se disseminando com as redes sociais. Além disso, está sendo gestada uma agenda autoritária para corroer nossas instituições democráticas, por meio de ataques a garantias constitucionais, como a autonomia universitária e a liberdade de expressão. Um exemplo são as diversas intervenções na escolha de reitores e a perseguição a docentes por ensinar conteúdos importantes, como questões de gênero e outros. Esses ataques não são cortina de fumaça e precisam ser levados a sério como parte central do projeto da extrema-direita no poder em nosso país. Os desafios são muitos e mais do que nunca, é preciso fortalecer o sindicato, incentivando a participação docente e renovando suas práticas.



MARIA CRISTINA MIRANDA DA SILVA

PRESIDENTE DA AdUFRJ 2007-2009

Sucessivos cortes orçamentários nas universidades públicas ameaçam seu funcionamento. A intervenção do governo federal nas nomeações de reitores/as afronta a autonomia universitária. Sofremos ameaças à liberdade de cátedra e expressão. Na última década, vivenciamos intensificação e precarização de nosso trabalho. Nossos direitos, e de todos os servidores públicos, estão ameaçados pela Reforma Administrativa. Mais de 150 mil mortes pela pandemia da Covid-19, e o governo federal difunde o negacionismo e almeja desacreditar a ciência.

Em resposta, as universidades públicas resistem e cumprem importante papel na produção de conhecimento e divulgação científica.

O distanciamento social nos obrigou ao trabalho remoto. Reconhecemos a importância de manter os estudantes em con-

tato com a universidade; mas a falta de suporte aos docentes e o acesso desigual dos estudantes torna esta alternativa frágil. Não há perspectivas de melhorias substantivas da infraestrutura das instituições para retorno presencial. Público e privado se misturam, promovendo adocimento e preocupação com o significado deste paliativo para a vida dos estudantes.

Imensos desafios para a luta docente! O Andes-SN tem sido firme na defesa da educação pública e gratuita, de condições dignas de trabalho e de garantia de direitos sociais que se articulam com as lutas gerais da classe trabalhadora. A organização pela base e a independência a partidos e reitorias tem se demonstrado a melhor forma para a defesa dos docentes.

Na história das conquistas do Andes-SN encontro meu lugar de professora-cidadã e me vejo sujeita dessa história!



CLEUSA DOS SANTOS

PRESIDENTE DA AdUFRJ 2003-2005



A luta política é um espaço de disputas de projetos de sociedade. Portanto, a universidade também o é. A pandemia tem contribuído para desvelar os interesses “ocultos” do mercado, evidenciando o ethos privatista das reformas do Estado. Afinal, hoje, 88% das instituições de ensino superior são privadas. Isto torna a luta em defesa da educação não mercantil um grande desafio. Tarefa que suporta embates profundos no que concerne ao financiamento (previsto no art. 212, da CF de 1988) e cortes orçamentários para as universidades públicas, uma vez que o Ministério da Educação (MEC) planeja cortar

R\$ 994,6 milhões do total de recursos destinados às universidades e institutos federais de ensino. Além disso, defender a carreira docente, a dignidade salarial, com a certeza da autonomia sindical diante do Estado, é pressuposto essencial.

Afinal, a condição de ser docente nas instituições públicas de ensino superior requer, além das aulas, intensa dedicação às pesquisas de impacto econômico e social, assim como projetos de extensão, responsáveis pelo fortalecimento das relações entre a comunidade acadêmica e a sociedade, aplicando o conhecimento adquirido e adquirindo novos. Nesta práxis,

ele transforma a realidade e se autotransforma. Portanto, é neste movimento que o trabalhador docente problematiza e amplia seu leque referencial, tanto na teoria quanto na prática, para enriquecer seu conteúdo humano e sua atividade profissional. Dentre estes desafios cotidianos está a tomada de consciência de seu papel como um trabalhador militante e sua “participação em uma organização revolucionária, que une a teoria revolucionária à prática revolucionária”. Essas são, ao meu ver, as condições para a construção de uma universidade popular comprometida com a emancipação humana.

Extensionista com muito orgulho e compromisso

> Com quase dois mil projetos de extensão, a UFRJ mostra que os professores produzem e dividem conhecimento com a sociedade. Os docentes extensionistas são exemplo de responsabilidade

KELVIN MELO
kelvini@adufrrj.org.br

A UFRJ contabiliza 1.871 ações ativas de extensão nas mais diversas áreas, desde divulgação científica para crianças até formação de músicos em comunidades. “A extensão materializa o trabalho da universidade, através de projetos que se capilarizam na sociedade,” afirma a professora Angela Santi, da Faculdade de Educação. Difícil encontrar melhor definição para uma das mais importantes atividades acadêmicas desenvolvidas pelos docentes.

Extensionista com muito orgulho desde 2010, Angela Santi acredita que a extensão mostra a importância da universidade para fora de seus muros e ajuda a angariar apoio da sociedade.

Algo estratégico no momento em que a instituição é tão atacada pelo governo. “Agora existe uma visibilidade da universidade pela pesquisa, porque vivemos uma situação de emergência. Mas, muitas vezes, a pesquisa fica um pouco fechada em si mesma, naquele grupo. A extensão acontece de fato com a sociedade”, argumenta.

O problema, segundo a professora, é que nem todos valorizam a extensão como se deveria. A situação começou a mudar, nos últimos anos, com algumas medidas, como a resolução do Conselho Nacional de Educação, de 2018, de que as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação. “Há uma relação mais orgânica da comunidade universitária com os projetos de extensão”, afirma a professora da Faculdade de Educação. Todas as universidades devem adequar seus currículos à decisão do CNE até, no máximo, o fim de 2021.

A professora Mariana Trotta, da Faculdade Nacional de Direito, trabalha com extensão desde 2012. Coordena dois projetos, ao lado de outros colegas: um é o Núcleo de Assessoria Jurídica Popular Luiza Mahin, que assessoria movimentos populares de moradia e de reforma agrária, como o MST. Agora, a iniciativa está engajada na campanha ‘Despejo Zero’, de proteção à moradia durante a pandemia. O segundo projeto é um curso de formação de Promotoras Legais Populares, criado na FND em



INTERAÇÃO com a sociedade e aprendizado mútuo podem resumir a importância das ações de extensão da universidade. As professoras Ângela Santi (esquerda) e Mariana Trotta (direita) atuam em projetos com forte envolvimento social. Pela Faculdade de Educação, Ângela coordena o projeto Imagem, Texto e Educação Contemporânea. Já Mariana coordena projetos no Direito voltados para setores populares



2016. Em diálogo com os movimentos feministas, o objetivo é fortalecer as mulheres na luta contra a violência.

A docente reforça o papel da extensão, no momento em que a proposta de contrarreforma administrativa ataca as universidades públicas. “A extensão faz esse diálogo com a comunidade. Mostra a importância da universidade na vida das pessoas”.

Mariana avalia que ainda há

entraves para o desenvolvimento das atividades de extensão, como o valor e o insuficiente número de bolsas. “Precisáramos de mais incentivos nas políticas de extensão universitária”.

NÚMEROS

A pró-reitora de Extensão, professora Ivana Bentes, foi a convidada especial de uma das primeiras reuniões virtuais do Conselho de Representantes da

AdUFRJ, após o início do isolamento social, em 6 de abril. A dirigente deixou claro que ninguém é obrigado a manter ações de extensão neste período de pandemia, mas que também era necessário dar resposta a novas propostas, muitas criadas em função da própria emergência de saúde pública.

Hoje, a UFRJ conta com 1.871 ações ativas de extensão. O número deve mudar, em função do processo de validação que ocorre até 31 de outubro. A pró-reitora informa que, de acordo com resoluções do Conselho de Extensão Universitária, só poderão ficar ativas as ações a distância, durante o período de isolamento social. Atividades presenciais só serão autorizadas nos casos de prevenção e enfrentamento da Covid.



DADOS DA EXTENSÃO

1.871 ações ativas*:

■ 432 cursos

■ 270 eventos

■ 1.169 projetos

*em processo de validação até 31 de outubro

OFÍCIO É PAIXÃO QUE NÃO SE MEDE POR IDADE

> O fascínio pela arte de ensinar une Erasmo Ferreira, com décadas de bons serviços prestados à Educação, e o jovem Rodrigo Leite, que acaba de iniciar sua caminhada como docente na UFRJ

tradição

MESTRE de várias gerações, Erasmo Ferreira ainda guarda brilho no olhar ao falar de Ciência: “Uma trincheira para a cultura”

LIZ MOTA ALMEIDA
comunica@adufrrj.org.br

Tormento para muitos professores em tempos de pandemia, a adaptação ao ensino remoto não é um problema para Erasmo Ferreira, de 90 anos, emérito do Instituto de Física. “Já passei pelo problema de adaptação a novas tecnologias quando fiz meu doutoramento, em 1958”, lembra. “O computador foi inventado quando eu estava fazendo meu doutoramento. Faço muita computação de primeiro nível porque esse foi meu instrumento de trabalho sempre”, explica. Erasmo foi um dos primeiros usuários do equipamento, enquanto estudava no *Imperial College of Science and Technology*, em Londres.

Em 1961, só havia dez físicos com doutorado no Brasil. “Estive na fase de formação dos institutos. Trabalhei muito para essa construção, para a formação de pessoal, para a ligação de comunidades científicas, procurando trazer as fronteiras científicas para todas as pessoas que trabalhavam em Física aqui”, diz. Hoje, o país forma 300 doutores em Física por ano. “Essa criação do ponto inicial até ao ponto em que os institutos são formados e funcionando bem é o meu legado”, afirma.

NA ATIVA

Após o doutorado na Inglaterra e um período na Venezuela, Erasmo se torna professor da PUC-Rio, em 1967. O docente trabalhou 27 anos como professor na instituição privada, mas sempre acompanhando o Instituto de Física. “Participo no desenvolvimento do Fundão, puxando professores para serem contratados, participando em bancas de pós-graduação”, conta. “Até que no ano 1994, vim para o Fundão junto com 11 colegas”. Nessa época, a PUC enfrentava dificuldades financeiras para manter grandes grupos de pesquisa.

Hoje em dia, o docente de 90 anos participa das atividades acadêmicas num nível mais restrito e específico no instituto. “Nos seminários de grupo, no colóquio, que é global, ou com os estudantes que estão fazendo mestrado e doutorado na minha linha de trabalho. Participo ativamente, ouvindo e falando”, conta.

DESPERTAR

A vocação para a pesquisa surgiu com um professor de Química do Colégio Batista, na Tijuca. “Era um catedrático



da Faculdade Nacional de Filosofia, o que era uma coisa rara no ensino médio. Era Ciência pura, fundamental. Fiquei fascinado”, explica. O docente se graduou em Química Industrial pela Escola Nacional de Química, na antiga Universidade do Brasil, em 1952, e como Bacharel em Física pela Faculdade Nacional de Filosofia, em 1954.

Ouvir o mestre de tantas gerações é também fazer um passeio pela história da educação superior no país. Erasmo recorda que, apesar das dificuldades financeiras e políticas dos anos 1960, a Reforma Universitária de 1968 ajudou a estruturar a vida acadêmica. “Foi criada a carreira universitária e, principalmente, mantiveram os docentes com um salário em tempo integral. Antes, era um salário episódico de oito horas”, explica.

LIÇÕES DE VIDA

Para o sorridente senhor, quem está na Física e quer estar nas fronteiras do conhecimento deve se jogar de corpo e alma. “Durante esse tempo todo da minha vida profissional, ela ofereceu muitas aventuras. Tudo muito coerente e muito sólido, com altos e baixos”, comemora.

Com tanta experiência, a mensagem do mestre para os mais jovens é ter fé na Ciência. “A gente está vendo isso no Brasil, no tratamento dos problemas que a gente tem, seja na preservação do ambiente ou sobre a pandemia, a Ciência quer ser ouvida”, diz. “Preservar a Ciência como uma trincheira para a cultura e para o desenvolvimento do conhecimento é necessário. Isso é feito com trabalho. A Ciência não é feita de ideia genial, não”, conclui.

futuro

‘CALOURO’ dos docentes tem sede de saber: “Ainda tenho muito para aprender e para viver dentro da universidade”

Com apenas 27 anos, Rodrigo Leite é o professor mais novo da UFRJ. “Ser o mais jovem para mim é uma boa notícia, porque significa que eu ainda tenho muito para aprender e para viver dentro da universidade”, comemora. Rodrigo tomou posse do concurso para Professor Adjunto de Finanças do Instituto Coppead em dezembro de 2019. Passou na primeira tentativa, sem experiências prévias na instituição. “Fiz o último vestibular da UFRJ em 2011. Fui o primeiro colocado para Ciências Contábeis. Passei em quarto na UERJ, e preferi ir para lá”, conta. Depois, realizou mestrado e doutorado na FGV em apenas quatro anos.

Questionado sobre a escolha por outras instituições, Rodrigo é categórico. “Simplesmente bolsa. Como eu estudei no Colégio Pedro II, entrava por cota de escola pública na UERJ. Todos os alunos cotistas de lá ganham bolsa e era mais perto da minha casa. Ir para a Urca era muito mais distante para mim, que morava em Bangu. E na FGV foi bolsa também”, explica o jovem docente.

Rodrigo ingressou na UERJ em janeiro de 2011, com 17 anos. Fez a graduação dos 17 aos 20 anos, com 21 anos terminou o mestrado e aos 22 passou no concurso para professor assistente na estadual e começou o doutorado na FGV. “É uma mistura de sorte com um tipo apressado, que eu sempre fui”, define. “A sorte é que a minha área é relativamente tranquila de concurso. Às vezes, apenas oito pessoas disputam a vaga”, diz. Mas o jovem dá um conselho para quem resolve trilhar o caminho da Academia. “A pessoa tem que ser focada durante esse período da pós-graduação, se ela puder focar só nisso para terminar o mais rápido possível. Tem que pensar que é uma fase”, afirma.

Para ele, um grande problema da pós-graduação é que os alunos muitas vezes se sentem inseguros com o futuro. “Qualquer processo transitório dá muita ansiedade. Mas faça o seu melhor e sempre fique atento às oportunidades. Todas as oportunidades que aparecerem para mim eu tomei e procurei fazer o máximo possível”, revela.

Além de ser o professor mais jovem, Rodrigo também foi eleito para o Conselho, o colegiado deliberativo máximo da UFRJ. “Eu participei dessa tomada de decisão do calendário acadêmico. Foi muito desafiador porque não era só lecionar a distância, mas também



pensar em como a universidade deveria lecionar a distância”, conta.

“Não sei se eu inspiro, mas sou simplesmente uma evidência de que, com esforço, se consegue chegar a grandes objetivos. Vim de escola pública municipal, fiz a prova do Pedro II e passei, o que é um diferencial”, lembra. Mesmo com todas as dificuldades de morar no subúrbio, o professor contava com um apoio fundamental dentro de casa. “Meu pai e minha mãe sempre me deram todo o suporte que poderiam. Tivemos momento de dificuldade, mas nada chegou a me prejudicar no estudo”, explica.

EXPERIÊNCIA NA SALA DE AULA

“Não tem como gostar do ensino remoto”, opina o professor. “O ensino presencial é muito superior. Nós, seres humanos, precisamos ter o convívio social. A distância não é o ideal para ninguém, nem professor nem aluno”, diz. Contratado no final do ano passado, Rodrigo ainda não esteve em contato com os alunos da graduação. “A turma que eu daria na graduação foi para outra professora, porque ela dá aula no segundo semestre”, explica. Ele lecionou duas disciplinas na pós-graduação e utilizou a plataforma Zoom. “Foram muito boas, os alunos se esforçaram bastante e fiquei impressionado com a seriedade deles”, lembra.

Para Rodrigo, uma coisa interessante em ser um jovem professor é conseguir entender o que os alunos passam. “A gente consegue conversar também. É um desafio porque nós, como professores, temos que ter uma postura em sala de aula. Quando você tem a mesma idade dos estudantes, você tem que trabalhar bem essa postura para que as pessoas prestem atenção e se dediquem”, reflete.

NO MOMENTO EM QUE A EDUCAÇÃO PÚBLICA NO BRASIL

é ameaçada pelo corte de verbas e pelos ataques à Ciência, à autonomia universitária e à liberdade de expressão, o ofício de ensinar ganha um caráter ainda mais nobre, de resistência e construção. As palavras do mestre Anísio Teixeira não nos deixam esquecer que sala de aula é lugar onde se respira e se celebra a democracia.



“

SÓ EXISTIRÁ
DEMOCRACIA
NO BRASIL NO DIA EM QUE
SE MONTAR NO PAÍS
A MÁQUINA QUE PREPARA
AS DEMOCRACIAS.
ESSA MÁQUINA É A DA
ESCOLA PÚBLICA.

ANÍSIO TEIXEIRA

”

15 DE OUTUBRO DE 2020

AdUFRJ

NÚMEROS DA UFRJ

